

## **Gaita e Pérola**

**Arlete Portella Fontes**

Tenho duas ovelhas pequenas. Visto roupas esfarrapadas, rotas. Estava andando pelo pasto, em terras de Nazaré.

Gaita e Pérola são as duas últimas ovelhas, que nasceram no mês passado.

Sou menino, tenho 12 anos e pastoreio as ovelhas de meu pai.

Essas duas pequenas e novas me dão um trabalho danado. Seus balidos estridentes rodopiam meus pensamentos.

Fico pensando na imensidão do pasto, no sol que incendeia minha pele e no pequeno pedaço de pão que comerei mais tarde, enquanto elas pastoreiam pelos arredores e na sua ingenuidade podem comer ervas daninhas sem esperar para comer o feno em sua manjedoura.

É quase final de tarde. Hora de voltarmos à nossa casa. As ovelhas devem se juntar às demais, pastoreadas por meu pai. Por Gaita e Pérola eu sou o responsável, talvez porque eu ainda esteja aprendendo a pastorear e nem sempre sei socorrer as ovelhas que caem usando meu cajado pelo lado da curva ou pelo lado reto.

Meu pai me ensinou que não devo usar o cajado num momento de raiva. Mas, quando Gaita se põe a correr e se perde ao longe, fico pensando em usar meu cajado com força em seus pés para que ela retome seu caminho.

Já é tarde. Um silêncio profundo recobre os campos que se estendem ao longe. As estrelas começam a cintilar, uma a uma, como que numa sinfonia inimaginável, acendendo o firmamento

Hoje terei que ouvir reprimendas do meu pai. “Você se distraiu e deixou Pérola e Gaita se distanciarem. Não tem medo dos lobos prontos para atacar?”. Eu retruco: “Pai, Gaita é mais rápida que meu pensamento. E quando menos espero, ela se põe a correr pelo infinito.”

Mas, hoje me sinto como se eu e Gaita fôssemos um único ser. Eu me misturo às suas patas ligeiras, seu balido esganiçado. Somos menino-ovelha, ovelha-menino.

A noite vai chegando. O céu está escuro como breu. Ponho-me a correr em busca de Gaita que escapou do meu olhar e do meu cajado.

Do cajado não fiz proveito. Não a conduzi e ela sim. Ela me conduziu.

No céu, uma estrela brilha, com seu brilho mais forte.

Ela será chamada no futuro – a estrela de Belém. Aquela que conduziu os reis magos ao menino.

Hoje ela é tão somente uma estrela que brilha no céu. E eu, um menino pastor, em busca de sua Gaita, que se perdeu pelos campos.

Um pouco cansado de andar e olhar ao longe em busca de Gaita, acabo avistando uma manjedoura.

Mistério, penso seu. Será que há outros animais por ali? Será que minha Gaita foi buscar abrigo entre eles?

Mas, esta não é a manjedoura de meu pai. Por que Gaita foi até ela?

Ao me aproximar, com um tanto de medo e assombro, ouço o choro de um bebê.

Não é um balido de uma ovelha, ou o latido de um cão de pastoreio. Choro de uma criança. Isso mesmo!

Gaita ali está em torno da mãe e seu bebê. Também há um homem ali com eles.

No alto da manjedoura uma estrela brilha. Gaita solta um balido, que se ouvia eternamente. Sons de nascimento.

Não compreendo muito o que faço ali. Fui inserido nesta cena. Luz, aconchego e paz. Creio que os arranjos divinos são assim: inesperados e, algumas vezes, descarrilhados, como o andar de Gaita.

Mas, sempre, mostram um caminho, mesmo que não totalmente compreendido.

Feliz Nata!